

DEUS EXISTE E EU CONTO-LHE UMA HISTÓRIA TODAS AS NOITES

Que Deus não existe, dizem. Parvoíce. Deus existe e eu conto-lhe uma história todas as noites — ando agora a ler-lhe o Pinóquio (antes foram os Maias para crianças — noto que ele estranha a mudança, vejo-o nos cocós, que andam menos consistentes). Há dois anos e meio, Deus escrevia-se com minúscula. Era o deus das guerras, o deus da barbárie, o deus redutor dos massacres em nome de, o deus das mortes nas gémeas. deus e o petróleo, a urina de deus. O diabo; deus era o diabo. O diabo dos homens e da puta que os pariu. Nunca me servi dele, com exceção de uma revolta intestinal sem casa de banho à vista. Nem ele de mim. Nasceu o Francisco e tudo mudou. deus cortou as barbas e passou a Deus. Era uma vez um puto. Este meu Deus tem um feitio tramado, porque aos 30 meses ainda se julga um deus. Eu sou o braço esquerdo, a mãe é o direito. Julga ele. Neste Deus, que está no sorriso e no choro, já assentei umas belas dumas palmadas. Já mandei Deus de castigo para o quarto. Este Deus usa fraldas, duas de pano para dormir e uma descartável para fazer as coisas que só Deus pode fazer por ele (vamos acabar com isso no Verão, introduzindo-lhe a tirania do pitó — e ele a nós a prepotência da cama molhada). Este Deus, ao contrário do outro, dá-me sorrisos. Diz-me "papá, não vás trabalhar" (traduzo para os incréus, ignaros na língua Dele). Eu explico-lhe as coisas e ele entende. Deus magnânimo assimila. O problema é a sopa e a negociação que a coisa envolve. Digo-lhe para comer só uma colher, ele diz não, eu proponho três e ele decide-se por dez. *Done!*, e damos cinco. Quando Deus está presente, sinto-me um negociador do FBI num livro de Kafka. Deus não quer, eu quero. Acabo por convencer Deus que é ao contrário, que ele quer e eu não. Raras vezes a coisa não resulta, ó tirania dos homens.

Neste momento, passa da meia-noite, Deus está a dormir. Antes de dormir, disse-me, como faz todas as noites: àputo-puto (amo-te muito, na língua de Deus). E depois pregou-me um susto: "Bu!".

Se o diabo está nos detalhes, Deus está ali ao lado, a dormir. Aquela tábua onde me agarro, onde ele se agarra, onde a minha mulher se agarra. Tudo o que nos une aos três. Isso é Deus. O outro, o do paga agora e livra-te do fogo dos infernos, nunca se mostrou e não o concebo. Não lastimo a minha falta de fé, porque a tenho. Fé no amanhã. No próximo passo do meu filho, o pontapé na bola, o dizer puta em vez de porta (que embarços já me causou). Que mais se pode querer de Deus, para além da vontade de correr para casa para o ver? O meu pequeno grande Deus. Quinze quilos de matéria divina (com a fralda limpa pesa menos).

O REMORSO DE GENTE

Eça traçou-nos o perfil à espadeirada. Se percorrermos os seus romances, contos, cartas, acabamos por dar de caras, aqui e ali, com o filho da mãe e com a prima, com o doutor e com o vizinho. O deputado e a puta. O sério e o trifulha. O circunspecto e o fogoso. O cão e o gato. Eu, tu, ele, nós, vós, eles. Estamos lá todos. Ainda que sem absoluta correspondência, é raro não obter, cortando daqui e colando ali, o retrato de alguém conhecido. Não há defeito ou feitio que Eça não tenha passado para o papel.

De todos os retratos traçados, o mais marcante - por ser o que mais predomina na selva - é o de Dâmaso Cândido de Salcede, o da adresse riscada e corrigida para Grand Hôtel, Boulevard des Capucines, Chambre nº 103.

Ao longo da vida, pude encontrar aqui e ali partes desse ser untuoso, escorregadio e gelatinoso. Desse sujeito em forma de jogo de aparências, onde nada é o que parece mas em quem, paradoxalmente, tudo acaba por ser deliciosamente óbvio. Esses dâmasos da vida encontram-se por todo o lado, aparecem-nos à frente em qualquer tipo de circunstância e ficam ali, presos ao chão por uma mola, a fazer poing-poing-poing.

A partir de certa altura, comecei a encará-los como um jogo com a natureza. A mãe dita coloca-me à frente um dâmaso, ou um braço dele. Nas olheiras de uma segunda-feira de manhã ou nos fumos de um sábado à noite. Na caixa de um supermercado ou de beca vestida. A qualquer momento, em qualquer lugar. É um pacto que temos, eu e a essência. Ela, quando lhe dá na gana, atira-me com um. A minha comissão é dar com ele, apontá-lo a dedo. Normalmente ganho, outras vezes aceito ter perdido, que nem todos são assim tão óbvios - atributo que ganharam quando perceberam o óbvios que são. Folha daqui, ramo dacolá e vão tapando as vergonhas.

Tudo isto para dizer que nunca - mas nunca, mesmo - tinha pensado encontrar O ser em toda a sua grandeza, de forma tão aparatosa, tão óbvia e tão declarada como me aconteceu recentemente. Ao primeiro vislumbre, que nem foi visual, ouvi logo do imenso clarão negro que dali emanava. E o meu coração acelerou - tu queres ver?, pensei.

Era (é) de forma tão esplêndida, o espécimen, que até fiquei algo enfeitiçado, por dessa feita me estar a ser dado como que um prémio por anos e anos de esforço e dedicação à cata de. Parecia o modelo de Eça, o da adresse corrigida ele mesmo. O original tão original que fazia o original parecer incompleto. Até errado. Eis o homem, pensei. E agora vou escrever um livro.

Apareceu de abraço sempre armado, de elogio sebento na ponta da língua e da pena. Mas, dissesse o indivíduo o que dissesse, escrevesse sobre o que escrevesse, eu só conseguia ler algo como isto: “Fizemos armas, bric-a-brac, discutimos... Um dia chic! Amanhã tenho uma manhã de trabalho com o Maia... Vamos às colchas”. Sentei-me e esperei e nunca fui às colchas com ele. Avisei quem tinha de avisar e quem podia dispor-se a ir às colchas. Esperei sentado. Não pelo tempo que a coisa ia demorar - que não perspectivava ser muito -,

mas porque queria assistir de cadeira ao espectáculo que eu sabia inevitável, esperando que ninguém querido se magoasse.

Lamentavelmente, não foi assim. Talvez o meu aviso - desculpei-me - tenha sido um pouco tímido, talvez as pessoas não lhe tenham ligado muito. Fosse o que fosse, confessei-me depois, a verdade é quando a coisa se deu - o artigo plantado na Corneta do Diabo - até eu fui surpreendido, sem tempo de ir a correr ao Palma Cavalão (também esta curiosa personagem, director da Corneta, começa por aí a proliferar, qualquer dia dedico-lhe uns louvores).

Não era nada disso. Afinal, também o Eça tinha ficado aquém, percebi então. E eu com ele. Estávamos perante algo de novo, mistura de rematada insídia, intrujice cobarde e tiro nas costas. Qual Cavalão qual quê? O que eu tinha entre mãos era algo bem mais complexo. Não exigia o recurso - ainda que metafórico - a directores de jornais como o Cavalão, corruptos e caluniadores. O caso que se me apresentava, e essa foi a minha falha, é que aquele Dâmaso era auto-suficiente. Um Dâmaso-Cavalão. E nesse caso - pus-me nos sapatos dele -, para quê recorrer a outsourcing?

Com esta mistura explosiva é de chamar cópia ao original, que esse que eu conhecia e tinha antevisto e aprendido era só o velho e gasto Dâmaso. Cobarde, repelente, filho-de-agiota-agiota-é, vigarista, aldrabão, impostor, egoísta, sem réstia de ser homem - um cabrão, em suma. Este, sendo tudo isso, era mais ainda. Uma verdadeira e inútil aberração, espécie de prejuízo de pôr um burro a fornicar uma égua.

Andava ele, soube-se depois, de porta em porta a dizer: eu estive lá e sei dos recônditos. Eu conto! Quem dá mais? Não te chega? Não é suficientemente escabroso? - olha que ele chamou àquele filho da puta. Toda a gente já sabe? Então eu tenho aqui outro segredinho acabado de inventar - podes chamar-lhe investigação, se o publicares. Dou-te o que quiseres, quando quiseres, onde

quiseres. É preciso é que me pagues com alguma coisa que me enfraqueça a dor que sinto. A dor de não ser gente.

(eu) Eu não sei o resto da história - que ainda está para vir -, mas adivinho-a. Nada te resolverá o problema, minúscula realidade!, nem à esquerda nem à direita. Nasceste com essa dor de não ser gente e há-de ser essa dor que te há-de enterrar, num cemitério deserto, sem ninguém a acompanhar os teus restos com forma de homem sem nunca o teres sido.

E até na morte serás falso.

É que nas costas dos outros vemos as nossas. Não sabes (eu sei que não), mas ensino-te se puderes: por mais que digamos mal uns dos outros - aquele “nós certos, eles errados” que te chega às ventas -, somos homens e mulheres. Tu és um verme e a gente - gente! - já percebeu.

Nem chegas a ser cabrão, que nem nunca terás quem te possa pôr os cornos. És apenas um remorso de gente.

O HOMEM-GARNISÉ

O homem-garnisé é dono da verdade absoluta, aquela de que todos os outros foram despojados aquando de um infeliz episódio com uma serpente e uma maçã. Total nas convicções — feitas de infâmias, cobardia e despeito —, o homem-garnisé deita as cartas de forma imponente, vai sempre a jogo, ainda que não lhe conheça as regras. Paradoxalmente, só assim age (só assim é) fora do seu habitat natural. Neste, uma singular salinha com uma cadeirinha virada para um espelho, o homem-garnisé aceita-se como é.

Quando vai à procura de alimento e se afasta do espelho, o homem-garnisé transfigura-se. Não quer voltar ao assento redutor. Esquece-se da imagem pouca que o espelho lhe revela e confia no tamanho e na perpetuidade da sombra que o sol mentiroso lhe revela.

Fora da salinha, o homem-garnisé vende-se por menos de trinta moedas. Quando alguém não repara nele e se coloca entre si e aquele sol enganador, que o faz ver-se tão grande, sai-se com ameaços entredentes disto e daquilo. Nunca esquece. Morde pela calada, mas quer fazer de conta que tem tomates. Planta opinião como quem atea as chamas dum auto de fé.

Sempre com fome, o homem-garnisé é todo um sistema judicial. Na toca onde guarda os alimentos, o homem-garnisé faz teatros de marionetes digitais em que os dedos do pirete são os juízes. Como é ventríloquo manhoso, o homem-garnisé lança as vozes que quer aos deditos que manipula. No fim, com voz bebida, põe na boca do juiz as palavras que quer: “culpados! sois todos culpados!”

O homem-garnisé faz músicas de uma nota só. E, tomando-nos por iguais, quer-nos pôr a dançar.

Quando encontra quem o alimente longe daquele maldito espelho que o minimiza, o homem-garnisé afeiçoa-se. Deixa-se haver. Aceita ser a voz do dono que lhe dá ração longe daquele retrato fiel. O dono do homem-garnisé, note-se, raras vezes não é também ele um homem-garnisé. E por aí adiante. Ou por aí atrás, se quisermos ser mais precisos.

O homem-garnisé tem de provar que é corajoso - só assim lhe dão que comer - e para isso faz-nos uma sopa da pedra, aceitando por bons os ingredientes podres que lhe dão. E depois diz: comam-comam, foi o meu dono que mandou e eu garanto que é de primeira qualidade.

E há quem coma e lamba os beiços, gulosos de putrefacção. E pede para repetir, que está muito boa. São outros homens-garnisés. E o homem-garnisé incha de flato. Fica quase do tamanho da sombra que o engana.

O homem-garnisé está agora enorme. Leva imensa gente à toca que arranjou longe da salinha com a cadeirinha virada para o espelho. E aplaude. E

aplaudem-no. E aplaudem-se uns aos outros. Homens-garnisés, todos. Levam cromos para trocar. Mais ingredientes podres para as sopas, meias-histórias, coisas de vão de escada. Contam, como se lhes houvessem sido dirigidos, piropos ouvidos de passagem. Ali, na toca sem reflexos, decidem o que o homem-garnisé há-de opinar - entre irmãos de desgraça. E bichanam, para que ninguém os ouça. Têm esse cuidado. Tem esse cuidado. Escusa de tramar tão baixinho, o homem-garnisé, que já todos o conhecem. Já todos sabem o que dali vem - o que dali não vem. E ele sabe disso e é precisamente isso que não o deixa crescer (esta parte ele não sabe).

Quando acasala, o homem-garnisé fá-lo com os da sua igualha, para que dali não saia mula ou macho. E nisto tem facilidades, que um homem-garnisé reconhece outro ao primeiro olhar. Andam ao mesmo, por sombras, e encontram-se muitas vezes nas tais tocas sem espelhos. E amam-se e depois odeiam-se.

Entre a salinha reveladora e o sol enganador, o homem-garnisé já escolheu. Escolheu ser pequenino. Não o pisem.

UM SACO DE PLÁSTICO AZUL

O velho fez-me lembrar a minha avó. A minha avó, aos 90 anos, insiste em contar-nos as suas paixões de infância, os seus segredos mais escondidos — coisas outrora irreveláveis, ainda que tal revelação se aplacasse com mais avé-marias num dia do que aquelas que ela poderia rezar num ano. As misturas de tempos, de pessoas, dos salões grandes e arrumados das memórias antigas com as arrecadações amontoadas das lembranças mais recentes, como diz o Chico. Mas o que mais me trouxe à memória — como o pensamento vai saltando de galho em galho sem pancada nos cornos que o impeça —, foi o enterro da minha avó, há meia-dúzia de tempos. Cova aberta, no único metro quadrado de

terreno que as suas posses lhe permitiram deixar aos vivos – irónico usufruto. Descido o caixão, e quando já se terminava a função, noto um saco azul, volumoso, ali esquecido ao lado. Que eram os ossos do meu avô, que ali tinham estado todos aqueles anos. Na cova. Ainda eu não tinha acabado de perguntar que lhe fariam e já o saco azul era atirado para cima do caixão acabado de arrecadar, como se de um saco de ossos se tratasse. E era um saco de ossos, não senti nada. E terra por cima de tudo, à pazada, que ninguém lá foi atirá-la à mão. Nem um torrão que fosse. Ali ficarão, até que os cemitérios entrem em desuso ou ali caiba um centro comercial. Os ossos da minha avó, quando o tempo desfizer o caixão, e os ossos do meu avô, separados por um saco de plástico azul. Já estou arrependido.

O RANCOR

É uma palavra feia. Rancor. Tem som de ódio, cor de desadoração. Cheira a aversão, o toque reage-lhe com repulsa, às vezes com (mera) embirração. Tem sabor de orgulho que cega. É uma palavra feia, pois. Ai de quem, coagido pelos sentidos reféns – dizem que são cinco nos homens, seis nas mulheres (o que as desculpa ainda menos) –, se aconselha por ela. O cheiro da sobrançeria, o barulho do tijolo cru, a imagem do berro que ninguém compreende, a sensação da razão em fuligem. E tudo assim preferir, alimentando-se da altivez de quem prefere cair a agarrar-se.

Com rancor se faz e se desfaz. Países e paixões. Não sendo o rancor, o mapa dos homens seria talvez diferente, conceda-se. Estaríamos a falar inglês, alemão, castelhano. Latim? O rancor é também nosso, português e mais, e ai de quem nunca por ele se alumiou. Alucinou. Porque fomos rancor, somos (usem a desculpa com moderação).

Ao nascer, berramos raivosos. Ao morrer, gritamos vingativos. A causa é a mesma: rancor. A puta da luz que nos ensombra. Assombra?

Há, porém, quem pareça decidir viver assim, respirando só esse estar — certo da certeza de que a culpa não lhe pertence. Ainda que não haja culpa, ainda que as coisas sejam mesmo assim. Ainda que o delito seja das coisas que são. Só por serem.

Às vezes (quase sempre), o rancor serve apenas para roer a alma (a nossa e a dos outros), que os países já se inventaram e as paixões repousam na serenidade do que é ou do que foi. É também isto, o rancor: exculpação, projecção no outro do que correu menos bem.

Em suma, e do rancor: às vezes sim, outras vezes não.

VACAS COM ASAS E OUTRAS CENAS ASSIM ESTRANHAS

Recebi um hoje um telegrama (é certo, um telegrama!) de um senhor que habita numa casa que em tempos tive o azar de tomar de renda — coisa cheia de humidades, bolors e fungos vários e que, em virtude dessa tamanha insalubridade, em boa hora acabei por abandonar.

E dirigia-me uma série de palavras, o cavalheiro em causa, fulano de boa pinta cheio de conhecimentos e de uma inteligência e sagacidade que sempre me tomam de espanto. Dizia que ao olhar pela janela virada a poente da casa que em má hora fora minha tinha visto uma vaca. Uma vaca com asas. E cor-de-rosa. E a voar. E que por tetas levava torneiras de madeira rústica, indiciando que não era leite o que no respectivo ventre albergava. Dizia-me isto tudo, o senhor, quando de repente acrescentou: e olhe (faculto-vos o discurso directo), encontrei cá por casa uns escritos seus, coisas que deixou em gavetas esquecidas, aquelas do armário do tecto da cozinha, mesmo atrás da porta que dá para a sala, e aquela que está debaixo da sanita, e lembrei-me de lhe pedir

se os posso publicar, assim numa forma que eu cá sei, juntamente com outras letras que outros ex-inquilinos e antigos proprietários, veja-se a coincidência, deixaram nas mesmíssimas gavetas. Como os deixou para ali, esquecidos ou lembrados, acrescentava ele, presumi que pudesse ser mesmo para isso, para que eu lhes possa dar o uso que bem entender.

Achei tão estranha e fabulosa a parte do pedido (já sou eu outra vez) que acabei por lhe responder apenas à questão da vaca, coisa bem mais corriqueira. Que sim, que quando lá vivi também a tinha visto muitas vezes, só que da janela virada a nascente - terá agora mudado de rumo. Certamente por uma questão prática.

PIM-PAM-PUM

Com a morte. Hoje levei com a morte. E bateu-me mal, assim de uma forma estranha – não foi dor, como acontece quando me morrem pessoas próximas; não foi sensação de vazio, nada semelhante. Foi uma espécie de empurrão. Ao mesmo tempo pelas costas e pela frente. Dado à velocidade da luz, que nem saí do mesmo sítio. Tipo acorda pá, qualquer dia és tu. Podias ter sido tu. Não te lembras deste?, quem diria que o ceifava neste dia? Deu-me para aqui, podia-me ter dado para aí. Estás a ver como isto é? Espécie de banca francesa – a fortuna que sai dum corno.

Claro que a mandei para a puta que a pariu, que tenho um filho que aprendeu agora a andar e corre para mim quando chego da labuta e diz papá-papá-pápa. E dá-me abraços e beijos e dá-me sorrisos. Era o que mais faltava, que fosse comigo – não estou para aturar abusos idiotas de idiotas; e deixei-lhe isso bem claro.

Mas, confesso, foi só garganta – ainda os tenho bem apertadinhos. Podia mesmo ter sido. Esta cena da morte é um bocado pim-pam-pum e um gajo às

vezes anda de gavetas desarrumadas e de repente dói-lhe uma unha e não é nada não é nada — é só uma unha. Vou amanhã ver disso, hoje tenho mais que fazer. E vai-se a ver e valia a pena ter ido mais cedo, que com estas idades a coisa depois foi sempre galopante. E tão novo e o caralho. Não aguentou o galope, essa é que é essa.

Mas porquê este desatino todo com esta morte? Esta morte de hoje. Todos os dias morre gente conhecida, mais ou menos velha, mais ou menos amiga, mais ou menos próxima. Francamente, não faço ideia. Sei que me sinto agoniado. E que agora que escrevi isto ainda me sinto pior. E não devia ser para isso que um gajo escreve, para depois se sentir pior. Agonia por agonia bembondam as causadas a ouvir todos os dias a senhora de foice ao ombro. Aos berros de pim-pam-pum.

Pim-pam-pum.

BZZ, BZZ, BZZ

Bzz, bzz, bzz. Alguns seres foram imaginados para serem enxotados (enxotar e esmagar são aqui sinónimos). Zotes bzudos, têm como destino um encontro imediato forçado e sangrento e de asas partidas com o vidro da janela que não percebem. Não percebem que o varejento disforme que os encara é o reflexo do filho da mãezinha que os desovou (são filhos únicos). Tentam desviar-se, uma e outra vez, até que alguém lhes ponha fim ao anseio. Um pano de cozinha basta. É um favor que lhes fazem, que as moscas domésticas querem-se higienizadas em casa — e depois pela sanita abaixo. O horizonte que se vê de cá da janela, por mais cinzento que apareça, é um azul em potência que eles não podem impedir. O Campo Pequeno é prós touros.

A ORELHA QUE ADIVINHA

Sentia a orelha direita gelada, o que me obrigou a um doloroso coitus interruptus. E logo naquele dia, que tinha engatado a Jolie. Acordei. Estranhei que tivesse acontecido com aquela orelha, porque a outra – a esquerda – é que estava ao léu, mas vá lá um gajo travar-se de razões com uma orelha – é parte do corpo que não nos encara de frente. Podia dizer que são só garganta, não fora cair um bocado no non sense, algo que se quer longe duma estória verídica! Eram seis da manhã. Raisparta a minha vida, o sonho já não o apanho outra vez, qu’isto dos sonhos é malta que não espera por ninguém. Encostei-me mais dez minutinhos. Meio-dia! Acordei como se tivesse sido atropelado várias vezes – pra trás, prá frente, pra trás, prá frente. E tudo por causa das trinta e seis vezes ou isso que calquei no snooze do despertador. Foram por trinta e seis vezes só mais dez minutinhos. Deviam pôr pernas no cabrão do relógio assim que se carrega a primeira vez. Isto dá cabo dum homem. Tomei o pequeno-almoço e almocei – não gosto de quebrar mais rotinas. Uma taça de cereais, uma sopinha, um bife grelhado com batatas fritas e ovo a cavalo. No bife. Uma laranja. Cheguei à repartição a tempo da abertura da tarde, com ar de quem estava em paz. ‘Tão, pá? O chefe nem vai acreditar. Faltou a luz na minha área e o despertador não tocou barra tive um acidente barra a minha tia morreu barra o meu cão passou mal a noite barra estou muito triste. Optei pela última – hás-de pagá-las caro, estúpido. Era oficial. Já não podia voltar atrás. Tinha faltado de manhã porque estava muito triste. Esperei pela desova. Vai-te sentar que já lá vou falar contigo. ‘Tou fodido. A minha mesa estava um verdadeiro caos. Resolvi arrumá-la para que o chefe não pegasse também por aí. No meio do labor, deixei-me dormir – tal era. Voltei à Angelina. O chefe acordou-me com um beijinho na orelha direita. Eram sete da tarde. Não havia mais ninguém na Repartição.

TUMOR

Não olhes para mim assim. Tenta não ocupar o meu campo de visão com essa tua gaifona de bezerro acabado de parir. Reconhece que não é coisa assim tão complicada e que é tarefa ao teu alcance. Mesmo tu serás capaz de a cumprir a contento. Não – lamento! –, não te odeio. Nada que merecesse sequer a pena ser escrito. Não te coles à parede quando passo, nem me peças desculpa por a tua massa ocupar espaço. Em cada palavra, até nos bons dias. Evita, isso sim, olhar para mim. Continuemos a respirar o mesmo ar contaminado. A partilhar os mesmos cheiros fétidos. Os mesmos sabores acres. A visão das mesmas pessoas. As que eu suporto e as que tu detestas. Porque eu as suporto. Não digas nada. Não te atrevas a dizer nada. Está tudo dito. E desde que a tua mísera figura se interpôs entre o destino do meu olhar. Simplesmente estava tudo errado. Mexias-te de maneira inconveniente. Vestias-te de forma descortês. O que noutra pessoa ficaria bem, em ti é uma chapada nas trombas. Andas a querer provocar-me. Está-se mesmo a ver. Nasceste para isso. Qualquer dia, levanto-me cinco minutos mais cedo e mato-te. Assim eu arranjo dia para ser estragado com rotinas quebradas, que não é meu costume matar. Arranco-te a vida do corpo. E tu havias de ser condenado por teres aparecido morto dessa forma singular. Mas isso dá trabalho, teria de perder alguns minutos a pensar na coisa. Se fossem dez, passariam a ser quinze os minutos que te dedicava. E tu, perdido, está-se mesmo a ver que acabavas por morrer feliz. Perceberias, no último estertor, que te dediquei quinze minutos do meu dia. Os teus melhores, que nos outros se querem de fama. E isso está completamente errado, meu pequeno tumor reverencial. Há que reflectir. Até lá, evita apenas olhar para mim. Fecha os olhos. Havemos de pensar em algo melhor.

A.A.

Era algo de irreprimível.

Desde a primeira pratada sob a hóstia, a coisa apanhou-me.

Um dia, tinha eu seis anos, no restaurante do Edmundo, onde ia aos almoços de Domingo com os meus pais, não resisti a colocar o prato do pão debaixo do queixo lambuzado do senhor Eleutério, presidente da junta. *Corpus Christi*, disse. Levei tantas no focinho, do senhor meu pai, secretário da junta, que ainda hoje me sobram alvéolos. Não só mos arrancou a murro – aos dentes —, e ainda eram de leite, como me há-de, por certo, ter rogado a praga dos braços da Vénus de Milo – nunca mais os caninos floresceram.

O tempo passou. Ao meu pai, o diabo o carregue, que a pá da vaca – o dinheiro nunca deu para mais – exige dentição sólida; ao meu pai, dizia, deu-lhe um tremoço – disseram-me na altura, hoje sei que foi trombose – e ficou incapaz de me ir aos molares e incisivos, bênçãos do meu estômago.

E pude dar largas ao vício.

Acolitei por onde pude. Acolitei, acolitei, acolitei. Até na capela dos lampiões, ao tempo da senhora Prieto. Tenho no meu *curriculum vitae* a baba do Eusébio na manga da minha t-shirt dos Scorpions – não havia por ali nada que se assemelhasse a uma bandeja, vai daí, despi a t-shirt e não fui de modas. Acolitei de pano.

Nos dias do Senhor e nos de belzebu. Acolitar. Acolitar sempre. Era o meu lema.

Desgraçado, fui arrumar carros para o Bairro. Destroce, destroce. Quando vinha a moeda, sacava do cesto do ofertório. Aos bêbados arriscava um *ego te absolvo*.

Acolitei e conduzi. Acolitei em hospitais, perante os olhares de recriminação dos doentes, os de profissão e os mesmo. Acolitei em espaços fechados. Acolitei *contra legem*.

Um dia, deus me perdoe, a minha mãe apanhou-me a acolitar-me. Mesmo na altura do “ai jesus que me acolito todo”. Ainda assim, acolitei até ao fim. É difícil acolitar a pilinha com a direita, enquanto ostento a vela acesa na esquerda. E o cilício a doer – tão bom. Não dava para parar. E o *acolitus interruptus* dói de ir aos infernos. Nunca mais olhou para mim da mesma forma.

Um primo meu, médico de ofício, falou-me nos A.A., associação recém-criada nas imediações da Sé de Braga. Mudei-me de armas e bagagens para lá, deixando para trás toda uma vida de pão sem fermento.

Hoje, ergo-me entre os meus iguais, companheiros de ex-sacristia, e com orgulho proclamo:

- Chamo-me R., sou Acólito Anónimo, e não acolito há quarenta dias e quarenta noites.

LUZ #1

Há exactamente um ano percebi na plenitude a propriedade da expressão “dar à luz”. Dei por mim contigo nos braços. Um desconhecido, que nem meio metro de gente era. E no entanto, naquele momento, daria a minha vida por ti. Tentei reconhecer-nos em ti, reconhecer-te em nós. Nada. Não pude. Lembrome da primeira roupinha que te vesti, ali, com 5 minutos de vida. Tu e eu, ambos com 5 minutos de vida. Um casaco branco por cima. Vou ali já venho, disse a enfermeira – vá-o vestindo. E vesti. Ao mesmo tempo que combatia as instruções da caixa de recolha das células estaminais. E tu dormias ou tinhas os olhos fechados. Coisa que o valha. Deus meu. Que coisa tão forte, quem é que

se recusa a passar por isto? Quem é que voluntariamente se recusa a ter um vislumbre de Deus? A tua mãe, esvaziada, ainda não te tinha visto. O que é que eu faço? De que cor são as paredes? O tecto? Chove ou faz sol? Que dizem os jornais? Pára! Pára de rodar por um instante, que eu quero apreender tudo, até ao mais ínfimo pormenor. Antes, minutos antes: não queira ter o filho pela boca, mulher, que seria caso nunca visto. Força, força, amor. Já o vejo. Já o vejo. Já nos vê. Levantei a cabeça, tu choravas, eu chorava, ele chorava, o quarto sangrava. Os internos que assistiam olhavam para nós fascinados. Era fascínio, espanto, era também alguma cegueira, causada pela luz imensa que se fez naquela sala. E para a qual eles não estavam preparados. Nem nós, mas nós pudemos chorar para limpar os olhos. Ainda hoje sinto um nó de felicidade na garganta de cada vez que me lembro desse dia, desses instantes. As palavras são muito pouco e poderia estar aqui o resto do dia a debitá-las que nada acrescentaria ao que já disse. Luz, acima de tudo é isso. Uma luz imensa, divina. Afinal existe! Como se alguém muito grande e com uma mão muito grande, tivesse carregado num interruptor muito grande e acendido uma lâmpada muito grande. Foi de parir. Esse alguém e essa mão e esse interruptor e essa luz. Foi de parir! Ao parir assim, e parimos os três, faz-se essa luz imensa. Dá-se essa luz, diferente de dar alguém à luz. Filho, um ano. E no entanto parece que foi no início desta carta que aqui te deixo. Sei que daqui a cinquenta anos te diria – te direi! – o mesmo. Parece que foi mesmo agora. Há-de parecer sempre. Como se mesmo agora. E cada vez que te olho, a mesma luz desce sobre mim. A luz que nos alumiará aos três, para sempre. Haja o que houver. Ser pai, ser mãe, ser filho. Há um ano.

FADO

Este relata de como passei, e passo, parte da vida agarrado a um passado que vivi e a um futuro que sonho ter – apenas quando penso me apercebo que o meu presente foi o tal futuro idealizado aqui há atrasado. Felizmente, e embora ande em pleno ataque de nervos, posso considerar-me um homem, não de projectos realizados, mas de presentes feitos de futuros. Este futuro há já uns anos que está comigo, a meu lado, todos os dias. Digamos que o meu presente e o meu futuro vivem numa perfeita e razoável harmonia.

O busílis é mesmo o passado com o qual não me consigo conciliar. Não consigo conformar-me com a travessia do tempo, com aquilo que ele vai apagando para nunca mais deixar voltar.

O problema – dizia –, o verdadeiro problema tem a ver com os “sentires”, com o imenso espaço aberto que era a vida, espaço que, quer se queira quer não, e por mais que se reme contra essa maré, se vai estreitando, afinilando. Tudo de acordo com as nossas próprias escolhas, os caminhos que esse nosso ser passado decidiu trilhar e nos levou – e obrigou –, a ser aquilo que somos hoje.

Uma das grandes diferenças é essa, como um caminho que se vai trilhando, em que as estradas se vão fechando à medida que as vamos caminhando. “No hay camino, el camino se hace al andar”, sem dúvida, mas esqueceu-se António Machado – nem vinha a propósito – de dizer que o caminho andado se vai fechando. A diferença reside precisamente no número de estradas que já trilhámos e que se fecharam a futuros alternativos. E isso condiciona, por certo, a forma de sentir o tal passado.

Quando entramos na idade adulta, já aprendemos, de uma forma ou de outra, com maiores ou menores penas, a lidar com a morte. Ainda há tempos olhava os meus avôs maternos e avó paterna, ainda vivos, e dava graças por os ter comigo. Porém, a verdade é muito mais dura que isso. As pessoas que eles foram e que – para o bem e para o mal – ajudaram a construir aquele que sou,

já não estão comigo. Nem eu estou com eles. Ambos envelhecemos. Essa é a realidade. O que eu dava, o que eu pagava, para voltar a passar uma tarde de férias grandes, do verão de 74 ou 75, com a minha avó materna.

Para isso teríamos de entrar naqueles caminhos que já se fecharam, a minha avó e eu, ambos tínhamos de recuar, pelo menos, 30 anos. Hoje, quando olho para eles – para ela –, muito particularmente para ela, a minha avó, para além do olhar, do sorriso, vejo uma memória dolorosa de tempos passados. Dolorosa porque – e era aqui que eu queria chegar – por causa dos tais caminhos que se fecham, das pessoas que se renovam em si mesmo, morrendo continuamente, saudade é dor. Fado. Uma dor não lancinante, uma dor demarcada do seu próprio conceito, mas sempre uma dor.

Gostava de conseguir viver em paz com o meu passado. Infelizmente, e sem que isso seja agrura tremenda e insuportável, parece-me demanda impossível.

PARA MAIS TARDE RECORDAR

O cheiro é, definitivamente, algo menosprezado.

Há mil maneiras de aprisionar imagens, para utilizar essencialmente em caso de desnecessidade, até ao limite da vulgarização. Com o cheiro não é assim.

Talvez por os haver, também, tão desagradáveis.

No que ao cheiro respeita, contamos apenas com as nossas memórias. Cheiros há que me recordam momentos inacreditavelmente longínquos e efémeros. E, no entanto, são momentos, talvez pelo desprevenido que me apanham – aparecem sem avisar –, indescritivelmente agradáveis.

Tudo para dizer que nunca, como agora, senti tanto a falta de uma máquina de guardar cheiros. Para captar o perfume do meu filho. O cheiro de um bebé é algo de demasiado belo para ser chamado de belo, palavra que se aplica a coisas pouco belas.

O cheiro do meu filho quando bebé. Numa garrafinha — para eu poder usar enquanto o vejo crescer. Eis o meu desejo. Não que me desagrade o medrar (não o das borbulhas na cara, mas aquilo que diz o povo elas significam — “medrou”), pelo contrário, orgulho-me dele. Mas o cheiro do meu filho bebé é algo de único, que eu gostaria de poder guardar.

Para mais tarde recordar e lhe poder dizer “vês”* filho, eras assim”.

PÁLIDA

voltei de lá. belisquei-me com cuidado ao decidir reentrar — ainda me lembrava como tinha sido havia pouco mais de dez anos. o cheiro da morte. da espera da morte. agora já não. havia de estar toda a gente a rir. havia de ter sido só um sonho mau. dez anos. que seria feito do meu pai? fígado marinado, morto por certo. a minha mãe, agarrada ao caixão, sem vida própria, feliz por ser a escolhida pelo casamento, entre as teúdas e manteúdas, pobres delas, herança em vida, deserddadas na morte, não como ela. ela era. bati à porta. ao de leve. dez anos. morto e enterrado. já tinha passado tempo que chegasse para descerem aquela podridão às entranhas fecundas da terra. para que floresça em malmequeres. bati. nada. bati outra vez. passos. recuei. abriu-se a porta para a escuridão. OU PARA A LUZ. entra, minha filha, olha a vírgula, outra, entra. onde raios te meteste. temos mais que fazer. discurso directo, coisa difícil de ler. vírgulas que avisam que foram e que são.

ENTREI.

carpideiras em cada canto. as mesmas de há dez anos. choramos por dinheiros. xis cêntimos por lágrima. euros por gritos de pesar. o mesmo cheiro nauseabundo. a morte cheira sempre igual. o caixão. ao canto. branco de pesar. quando o pesar é intenso, o esquife quer-se branco e de meio metro. ou

ao contrário. será melhor. reformulo. que quando o caixão é branco e de meio metro o pesar quer-se intenso.

olhei para o caixão.

ENTREI.

lá dentro, de onde tinha fugido, havia dez anos, estava eu. morta por enterrar. anã ou bebé. não sei precisar. mas pequena. demasiado pequena para morrer. percebi, enfim, que havia fugido da minha própria morte. e deixado aquelas pessoas paradas no tempo. à espera do seu morto.

POR CHORAR.

OUTRAS METAMORFOSES

Acordou sem razão aparente. O coração palpitava, como se lhe fosse saltar pela boca. Tentou respirar fundo mas não conseguiu. Levantou-se. Vou molhar a cara, ver se me acalmo. Caiu da cama. Sentia-se cego e teve de recorrer a outros sentidos para se entender. Algo estranho se passava. Não tinha braços, não tinha pernas, disso tinha a certeza. Sobejava-lhe boca, porém. E apetecia-lhe escrever. Mas coisas de merceeiro de drogaria. 2 pacotes de açúcar, 3 quilos de farinha, 4 pilhas – das alcalinas, que duram mais. 150\$50. E escreveu, rapidamente, como se com dez mãos. Mas se não as tinha. Naquele papel pardo que alguém ali tinha colocado. Escreveu, ainda assim. Sentiu-se aliviado. Mas nova ansiedade se seguiu. Uma espécie de medo. Vou mas é lavar a cara. Chegou ao lavatório e sentiu que não tinha caminhado, antes se arrastado pelo chão, que ficou todo riscado – como que por minas de lápis. Olhou como pôde para o espelho que o encimava – os olhos continuavam a não responder. Não tinha cara. Staedtler. Staedtler. Staedtler. Amarelo e preto. Staedtler amarelo e preto. “Viu-se” como um lápis. Centenas deles, em rigor. Teve medo. Muito medo. Não por ter adormecido homem e acordado espécie

ignota de agregado de lápis baratos. Era pelo seu aspecto de lampreia, que agora vislumbrava pelo olho pineal que aprendia a usar. E temeu. A receitinha minhota do arroz de Lampreia da sua mulher. Não aguentou, aquilo era demais. Afiou-se todo. Staedtler por Staedtler. A vergonha que a mulher sentiria diante dos seus convidados fê-lo sorrir.

Arroz de lampreia era? Fica-te mas é com as aparas.

Afiei-me até ao tutano mas afiei-me feliz.

OH MEU DEUS!

Fui – como todos os portugueses que foram educados sob a tirania das idas dominicais à missa – educado sob a tirania das idas dominicais à missa. Aquilo era uma tortura de garoto – uma barrela. Já não me lembro bem dos timings da coisa mas eu dividia o suplício em momentos chave cujo valor aumentava conforme a proximidade do anunciado final. Assim tipo a hóstia, o beijinho ao próximo mais próximo, a colecta com a cesta do pão e, clímax, o *ite missa est* (em retroversão livre, que não sou assim tão velho). Um dia, confesso, acolitei. E acolitei tão mal que deixei metade da Igreja a olhar para mim, uns prendendo o riso, outros soltando a indignação – acho que até me vaiaram. Não voltei a acolitar e librei-me deste tipo de agrura. Tudo isto para dizer que cumpri o calvário da educação cristã: baptismo (chorei), primeira comunhão (chorei), profissão de fé (chorei) e crisma (chorei). Mais tarde, “casei-me pela Igreja”. E chorei de novo. A minha mulher convenceu-me, e bem, que valia a pena aproveitar o coro (belo, a propósito) e o facto da cerimónia ser realizada numa Igreja fantástica com um padre fantástico (ok, alguma instituição religiosa milenar foi instrumentalizada). Fui na conversa e não me arrependi. Foi um momento bonito, no final até dei um abraço ao padre e ao sacristão. E – casamentos, baptizados e funerais à parte – foi esta a minha relação com a

religião da situação. No entanto, não vejam aqui gozo estéril, infundado, impregnado de ódio. Respeito a religião em causa, apenas decidi – legitimamente – não jogar o jogo que a mesma – legitimamente – me propôs. Não escrevo ICAR (foi agora a primeira vez e já risquei), escrevo sempre Deus com letra maiúscula e faço outras coisas singelas mas respeitosas, como não alinhar em raves em Igrejas abandonadas. Respeito, portanto. Mas afastei-me: decidimos (eu e a da na-Igreja-é-mais-bonito), por exemplo, não baptizar o nosso filho (ele que tome essa opção, se quiser e quando quiser), fi-lo antes sócio do Sporting - que acho que tem uma imagética do calvário bem mais rica. Tudo isto, uf, para falar da última crónica de João César das Neves, intitulada “Deve ser horrível ser Deus” e que reza (que apropriado), na parte que me apetece destacar, assim: “Ser Deus é ser incompreendido. Não existe nada no mundo tão evidente, tão visível, tão compreensível como Deus. Deus, porque é Deus, resplandece em tudo. Por isso, a existência de Deus é uma das certezas mais consensuais da humanidade. No entanto Deus está também acima de tudo, infinitamente acima de tudo. Claro que Deus sabe que as suas criaturas nunca O conseguirão compreender. O problema não está aí, mas na forma como as criaturas lidam com o que não entendem.”

Desde logo, não sei se acredito em Deus, o que faz de mim uma pessoa que não sabe se acredita em Deus. Acredito na palavra, isso sim. A palavra Deus, que acabei de escrever, e com maiúscula. Basta recuar no texto e lá está ela. Deus. Mas, a acreditar nalguma coisa (este momento é patrocinado pelo lugar-comum), não é no Deus da crónica citada, que eu presumo votada à incompreensão. Aqui entre nós, admiro imenso a coragem do autor – expor assim os seus pensamentos, desta forma tão nua, é de homem. É que depois leva logo com tontinhos como eu que aproveitam as fezadas do senhor professor para acabar por nem sequer comentar o que o senhor disse. Falei

mais de mim do que da crónica, essa é que é essa. Termino dizendo que lamento, profundamente, a vida vazia daqueles que não acreditam no Senhor. Os crentes (que não têm dúvidas) e eu (que não tenho certezas) jamais seremos incomodados com o vazio de palavras com que os incrédulos – aqueles que têm fé em que Deus não existe – são confrontados no “clímax do acto sexual que, no homem, é acompanhado da ejaculação de sémen e, na mulher, corresponde à excitação máxima durante a qual ocorrem contracções na vagina, a que se segue, em ambos os casos, o declínio da tensão”. Assim diz o dicionário. Que é que eles dizem? O que é que eles dizem(!) para anunciar ao parceiro o declínio da tensão? “Oh não acredito?” O que esta gente perde em léxico sexual. Pobres.

9 TO 5

Era assim o trabalho de campo. Das 9 às 5. Comenta daqui, refere dali, aponta d’acolá. Até metiam dó, os meninos. Quanto lhes pagarão? – rios de dinheiro, por certo, c’aquilo é coisa de profissional bem remunerado. Olha o acontecimento. Morreu uma andorinha. Raisparta. Vê se sabes algo da caixa negra. Manda lá o mai’novo, quero saber se alguém lhe deu milho envenenado, a causa das coisas, que todas as coisas têm causa. Entretanto, descansa os leitores, diz-lhes que não morreu a Primavera, que é só uma andorinha e que estamos em cima do acontecimento. Coisa esquisita, chefe, não morreu a Primavera? Custa-me enquadrar a notícia, uma vez que estamos em pleno Inverno e o raio do bicho nem tinha nada que cheirar por aqui. Provavelmente caiu-lhe foi geada no toutiço e vai daí esticou o pernil. Esse é trabalho para o místico, chama o místico, ele há-de explicar porque raio morreu uma andorinha no Inverno e que se faz do Inverno quando se lhe morre uma andorinha. Fica o relógio das estações avariado, é o que é. Se calha a ter morrido o Inverno, vem

agora a Primavera e ainda só estamos em Janeiro. Chefe, chefe, chefe! Seria caso para dizer: por morrer uma andorinha começou a Primavera. Discute isso com os da banda de lá. Lança-lhes o isco. Consulta a comunidade gay e os homofóbicos e os indiferentes. Vê que dividendos tiram eles disto. Os ateus, os agnósticos, os comunas, os fascistas, os liberais, os do contra e os do a favor. E os do favor, já agora. Entretanto? Entretanto manda-lhes com música. Põe o Amsterdam a tocar bem alto, q'eles até ficam surdos e descuidam a andorinha. Ao abrir de página? Ao abrir de página. E o outro já telefonou? Diz que sim, que está zangado com a não tomada de posição e que toma isso como uma tomada de posição contra ele. Que vai sair, que assim não pode ser. Que por ele se matava mais uma andorinha e se passava já para o Verão. Chefe? São 5! Nem penses, alguém tem de dizer algo sobre a andorinha. Chefe? Foi falso alarme, era coma induzido, o bicho está vivo e já ouve quem publicasse declarações dele. Vai, vai para casa. Mas antes escreve qualquer coisa. Já passou um dia e só lá temos o Amsterdam.

SOLTE-SE O PEIDO

Ma gavte la nata é uma expressão turinesa que quer dizer – mais coisa menos coisa – "tira a rolha", "tira o pipo". Do cu. Dito que deve ser aplicado, seja vociferado ou dito entredentes, àquelas pessoas que, de tão inchadas – certamente por não expelirem ventosidades anais –, parece que estão vai não vai para rebentarem.

O peido é para ser dado. Foi criado para ser expelido com estrépito. O peido é um instrumento regulador da racionalidade humana. Sem o peido vão-se acumulando no organismo correntes de ar e humores que cumpria serem expelidos. E o corpo vai inchando e os ditos ventos vão ocupando partes do organismo que deviam estar ocupadas por cenas mais importantes, tipo o

cérebro. Aliás, não é à toa que vento, para além do mais, pode significar quer vaidade, quer flatulência.

Não sou pelo peido insolente, dado só porque sim. O acto do peido, como regulador orgânico, deve ser intimista, resguardado – quanto mais não seja por causa do fedor que traz associado. Mas, esse é o ponto, não se deve reprimir o peido.

ALMOFADAS DE PENAS

Imaginem-se, em dia de rigorosa invernia, a esfaquear uma almofada de penas no cimo de uma montanha. Agora imaginem-se – arrependidos do vosso acto – a voltar no dia seguinte para tentar recolher todas as penas aventadas, de forma a recompor a almofada. Imaginem a remissão impossível. Agora imaginem que as penas da almofada – todas e cada uma – acolhem um boato, uma bisbilhotice, um diz-que-disse, uma escuta mal-parida, uma fotocopiadora forense com vontade própria. Isto imaginado, de faca na mão, e sabendo que a almofada é o encosto do país – do vosso, por exemplo –, ou o travesseiro de um qualquer desafortunado – vocês, por exemplo –, confessem o quão inconsciente é esfaquear uma almofada de penas no cimo de uma montanha ventosa. E imaginem também que a faca não está na vossa mão e que o recosto é (era) o vosso.

(adaptação excessivamente livre de uma confissão fictícia em Doubt, filme protagonizado por Meryl Streep e Philip Seymour Hoffman).

COISA,

Dirijo-te estas palavras sabendo que o faço a alguém cujos neurónios entraram em guerra fratricida e bastarda ao ponto de só restar um (o mais escasso e ligeiro) – lamentavelmente, o que te sobrou está meio metro acima do habitat

natural, desfruta de cauda acelerante e tem como ambição única irromper por um óvulo. Ciente disso, mas porque tenho bom coração, avanço.

Na última semana, resolveste publicitar – várias vezes – a tua imbecilidade. Percebo, porque te enxergo a natureza, a tua cretinice genética e “eurotica”. Os genes fazem-te, os euros justificam-te (perante o espelho aldrabão que te dá as trombas a ver).

Assim, e munido do tal espermatozóide mascarado de neurónio, decidiste fazer história. Por fortuna de quem te lê e essência tua, não fizeste a dos outros e desvelaste a tua. És uma espécie de rei midas da merda: transformas em trampa tudo aquilo em que tocas. Se por acaso te caísse nas mãos um qualquer pasquim pago para ser gente, havias de conseguir reduzi-lo a um teu irmão de sangue, assemelhá-lo à tua essência estéril.

És uma peçonha, pois. Porém, essa dor que te atenta e que tentas, para te aliviar a mágoa, passar para os outros, esse beliscão na alma que não tens, essa vocação de idiota útil – e outro tipo de utilidade não terás – estão condenados a ser só teus. Olha para trás. Olha para o teu reles viver e para tempo que levas desde o nascer. Traduzes-te num zero abaixo da nula referência. Algo numericamente impossível. Não chegas a ser nada, portanto. Um dia que te atinjam com um espelho fiel, morrerás em agonia – envenenado pela verdade que a representação te dá.

Bufas as bufas dos bufos (eis a tua biografia) e usa-las como se tudo (as ventosidades e os respectivos excretos) fosse gente. Lamentavelmente, e isso deve doer – os meus pêssames à tua mãezinha –, nunca (nem os “teus”!) algum dia te levarão a sério. O problema, bobo desta corte, é que tu próprio não passarás do vento malcheiroso dos cus que a cada tempo (há séculos) te vão expelindo.

No entanto, verdade seja dita, estás cada vez mais acompanhado - não partiram o cabrão do molde. O teu fedor, honra te seja feita, é evidente – não enganas ninguém. Outros perfumam-se à francesa e, por vezes, a confusão de aromas engana ao primeiro lanço. És um puro óbvio e por isso – sempre de mola no nariz – acompanho o teu percurso.

Continua a fazer por nos ilustrar, faz pela comenda que um dia, por merecimento, te afixarão no focinho. És-nos necessário, cumpres o papel de grilo mudo do inferno, como que um sinal de animais na estrada.

Ainda assim, e perante tão reles intruso, que se foda o carro.

Rogério da Costa Pereira

Abril 2010